



GT 9 – Museu, Patrimônio e Informação

ISSN 2177-3688

EDUCAÇÃO EM MUSEUS: UMA ANÁLISE DA PRODUÇÃO DO GT 09 DO ENANCIB

EDUCATION IN MUSEUMS: AN ANALYSIS OF THE PRODUCTION OF GT 09 OF ENANCIB

Talita Cristina da Silva - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)

Maria Amélia Gomes de Souza Reis - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)

Diana Farjalla Correia Lima - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)

Modalidade: Trabalho Completo

Resumo: O presente trabalho é o resultado de uma pesquisa científica com uso da bibliometria na qual se faz uso de pesquisa bibliográfica e documental tomadas a partir da análise quali-quantitativa dos artigos sobre a educação em museu do “GT 9 – Museu, Patrimônio e Informação”, do “Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação (ENANCIB)” nos 12 anos de existência deste GT (2009 a 2021). As fontes foram os Anais do ENANCIB e periódicos que publicaram os artigos apresentados nos eventos anuais no período citado. O objetivo inicial era evidenciar o estado da arte das pesquisas sobre o tema educação em museus, mas diante da percepção de que os resultados obtidos não representam a totalidade da produção do campo sobre o tema, o trabalho se concentrou em uma análise qualitativa dos 15 artigos recuperados. O resultado deste estudo constitui-se na análise de conteúdo, sob uma visão qualitativa dos processos sociológico-políticos articulados ao educar como ação e processo e das dinâmicas contemporâneas de educação em museus. Concluímos que a práxis educativa em museus promove a aprendizagem profunda, transformação pessoal e engajamento dos visitantes e que há uma destacada atenção às questões de acessibilidade e inclusão.

Palavras-chave: museologia; museu; educação museológica; bibliometria; ENANCIB.

Abstract: This work is the result of a scientific research that uses bibliometrics, involving bibliographic and documentary research based on the qualitative-quantitative analysis of articles on museum education from the "WG 9 - Museum, Heritage, and Information" of the "National Meeting of Research and Graduate Studies in Information Science (ENANCIB)" in the 12 years of existence of this WG (2009 to 2021). The sources were the Proceedings of ENANCIB and journals that published the articles presented at the annual events during the mentioned period. The initial objective was to highlight the state of the art of research on museum education, but given the perception that the results obtained do not represent the entirety of the field's production on the subject, the work focused on a qualitative analysis of the 15 retrieved articles. The result of this study consists of content analysis, under a qualitative view of sociopolitical processes articulated with education as action and process, as well as contemporary dynamics of museum education. We conclude that educational praxis in museums promotes deep learning, personal transformation, and visitor engagement, with notable attention to accessibility and inclusion.

Keywords: museology; museum; museum education; bibliometrics; ENANCIB

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo resulta de pesquisa bibliográfica para levantamento de referencial teórico para a pesquisa de doutoramento. A motivação se baseia na percepção dos museus como espaços, físicos ou não, de acesso à cultura e lazer a todos os sujeitos em igualdade de condições. Considera-se que as instituições museológicas sejam um lugar de contato, de aprendizagem, de divulgação científica, de trocas, também espaço educativo privilegiado, pois “[...] a educação significa a implementação dos meios necessários para a formação e o desenvolvimento de pessoas e de suas próprias capacidades” (DESVALLÉES; MAIRESSE, 2014, p. 39).

Tendo por intuito analisar o estado da arte da produção científica sobre educação em museus, selecionou-se o Grupo de Trabalho “GT 9 – Museu, Patrimônio e Informação”, do “Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação (ENANCIB)”. O período pesquisado corresponde a 12 anos do GT 9, de 2009 a 2021¹. Foram analisadas comunicações orais² (trabalhos completos).

Em determinados momentos da história dos museus, e em alguns tipos museu, observa-se a presença da educação, como no caso dos museus de arte que se abrem para o ensino de artes, ainda nos séculos XVIII e XIX, assim como no caso dos Museus de Ciências e Técnica e das Feiras de Máquinas (BERGERS; TRIJP, 2017) em que os objetos em exposição estavam dispostos para estudo e/ou cópias das máquinas.

O encontro “Mesa-Redonda de Santiago de Chile”, em 1972, representou um marco para a inauguração da Museologia Social. Nessa conferência, os temas como a democratização dos museus, o envolvimento da comunidade e a importância dos museus como agentes de mudança social foram discutidos. A partir deste o museu passa a ser pensado como um espaço para promover a inclusão social, a diversidade cultural e a participação comunitária.

Neste cenário se acende a luz sobre a intensificação da articulação da Educação com a Museologia Social, posto que esta propõe, a valorização e o entendimento do patrimônio cultural e o sentimento de identificação e pertencimento pode ser alcançado através da promoção da educação patrimonial, museológica e expansões dos diálogos interculturais, e de ações que envolvam a comunidade e estimulem a reflexão crítica.

¹ Até a data da produção deste trabalho os anais do ano de 2022 não haviam sido publicados.

² Os trabalhos completos são nomeados pelo ENANCIB como comunicações orais. Analisaram-se apenas os trabalhos escritos, não foram feitas análises de falas, apresentações, palestras, resumos e resumos expandidos.

Na última definição de museu, se vê publicado pelo ICOM em 2022, o termo educação identificado como missão e sua importância no fazer das instituições museológicas, indicando que se deve dar relevância às necessidades e características próprias que as diferenciam da educação escolar. Reconhecemos que ao longo do tempo as ações educativas nos museus, intencionais ou não, modificaram-se conforme os estudos e as necessidades de cada época.

Entende-se o educar como “ato de formação” de sujeitos no qual se traz “uma tentativa de sensibilização, levando o indivíduo a terminar o trabalho pela apropriação que fará dos conteúdos propostos” (DESVALLÉES; MAIRESSE, 2014, p. 39). Por isso, o caráter educativo dos museus se estende a uma diversidade de públicos e faixa-etária, bem como aos excluídos. A apreensão de informação e sua consolidação em conhecimento não é meramente acumulativa, mas se relaciona por meio de ligações, conexões neurais. Segundo Damásio, 2010, nascemos com padrões de conexões neurais preestabelecidas, mas

[...] as experiências individuais em ambientes únicos agem sobre esse primeiro padrão de conexões, aprimorando-o, tornando certas conexões mais fortes e outras mais fracas, engrossando ou estreitando os cabos na rede, sempre sob a influência das nossas atividades. A aprendizagem e a criação de memórias é simplesmente o processo com que esculpimos, moldamos, fazemos e refazemos os diagramas de conexão do nosso cérebro individual (DAMÁSIO, 2010, p. 367).

O Museu atua como espaço educativo conectando e reconectando diferentes experiências que os indivíduos experimentam no mundo. Assim, mesmo que o propósito seja a divulgação, a comunicação e a exibição, o caráter educativo dos museus sempre se fará enraizado na experiência sob a forma de curiosidade, trocas, interação, aprendizagem e ensino. Como afirma Cury “[...] o museu deve ser crítico, da mesma forma que o projeto educacional e o educador, para que a ação educacional seja eficaz [...]” (CURY, 2013, p. 14). Desvallées, na Mesa-Redonda de Santiago do Chile (1972), levanta a questão sobre o sujeito que interage com o museu, da educação permanente e as desigualdades. Segundo as autoras Reis e Pinheiro:

[...] os museus requerem criar condições para que seus espaços se construam como lócus de experimentações e de práticas pedagógicas estimulantes, que promovam o desenvolvimento dos patrimônios, pessoal e social, no público que a eles ocorre, em busca de conhecimentos indispensáveis a uma experiência sociocultural sempre renovada, com vistas à compreensão e interpretação do mundo vivido e da importância do saber, dos diversos e múltiplos saberes para um mundo em transformação (REIS; PINHEIROS, 2009, p. 36).

É possível identificar uma fronteira interdisciplinar entre o campo da Museologia e os estudos sobre Educação. A primeira agrega saberes de diferentes áreas e há conceitos a respeito de educação nas pesquisas museológicas como: Educação Museológica³ e Pedagogia Museológica, que se tornam incompletas. Termos como educativo e educação informal ou não formal são também frequentes na produção científica do campo. Termos como: educação popular, educação fora da escola, educação museal, educação museológica, ações educativas, práticas educativas em museus etc., também aparecem nos textos.

Identificamos que a Museologia, sendo uma área de conhecimento própria, possui fóruns de debates, estudos e publicações como o Comitê para Educação e Ação Cultural (CECA) do Conselho Internacional de Museus (ICOM), no plano nacional o Programa Nacional de Educação Museal (PNEM) e as Redes de Educadores em Museus e Centros Culturais (REMs), bem como o recém-criado Encontro Nacional de Educação Museal (EMUSE). É reconhecido por nós que a área da Museologia também apresenta diálogos interdisciplinares com a área da Ciência da Informação a partir de pontos de encontro de larga circulação na área da Museologia como o ENANCIB por seu caráter nacional.

Este artigo traz em si mesmo uma metodologia capaz de aprofundar o estudo sobre educação em museus a partir da identificação do estado da arte da produção teórica no GT 9 do ENANCIB. Trata-se, pois de uma investigação que parte do levantamento de textos científicos para uma sólida revisão de literatura tomada a partir desta coleta e seleção das comunicações, realizando-se uma costura sobre o eixo central deste artigo com base na “Educação em Museu”.

2 HISTÓRICO DO ENANCIB E DO GT9

A pesquisa se concentrou nos Anais ENANCIB, evento científico anual de relevância nacional promovido pela Associação Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (ANCIB), de ocorrência itinerante. As instituições que sediam e participam do ENANCIB desenvolvem Programas de Pós-Graduação (mestrado e doutorado).

³ Neste artigo, optou-se por utilizar o termo “Educação Museológica” ao referir-se aos processos educativos realizados nos museus. Sabe-se que o termo comumente utilizado no Brasil é “Educação Museal”, no entanto, o uso do termo “museal” não é uma boa tradução do termo para o português, pois se trata de um neologismo dos termos “museal” do inglês e do espanhol. Considera-se que uma melhor tradução para o português seria “Educação Museológica”. Apesar de ser uma discussão importante ela não foi abordada neste trabalho.

Sendo uma característica relevante a ser destacada, o método de avaliação do evento, o *ad hoc*, sistema “duplo cego de revisão”, no qual os artigos submetidos têm a garantia de serem avaliados sem conhecimento prévio de autoria e, do mesmo modo, os autores, desconhecem os nomes de quem avalia. A exigência é que apresentem relevância científica, pertinência do tema, adequação e correção metodológica. Assim, se tem certeza de que os artigos publicados nos Anais ENANCIB foram devidamente revistos e avaliados.

O objetivo do Encontro é a divulgação e discussão de pesquisas científicas em Ciência da Informação e áreas afins, sendo o GT 9 – Museu, Patrimônio e Informação criado em decorrência da relevância da relação entre os três temas que o denominam sob diversas perspectivas teórico-práticas: o estudo da interação, representação e contribuição deste contexto para a produção e comunicação científicas.

Por conseguinte, em 2007, durante o VIII ENANCIB (Salvador/BA) foi realizado o GT Debates sobre Museologia e Patrimônio, um modelo prévio. O GT 9 – Museu, Patrimônio e Informação foi oficializado em 2008, durante a plenária do IX ENANCIB (São Paulo). No ano seguinte, 2009, recebeu os primeiros trabalhos por ocasião do X ENANCIB (João Pessoa/PB).

3 OBJETIVOS, METODOLOGIA E RESULTADOS DA PESQUISA

A investigação se propôs analisar quantitativa e qualitativamente as publicações do GT 09 do ENANCIB de 2009 a 2021. Considerou-se autores dos artigos, afiliações, palavras-chave, referências e autores dos trabalhos referenciados. Adotou-se para metodologia a pesquisa bibliométrica⁴, tomando como unidade de análise os 249 artigos no formato de trabalho completo. Foram descartados: resumo e resumo expandido.

A primeira seleção dos artigos foi feita pelos termos de busca “apren”, “educ” e “ens” que representam radicais capazes de possibilitar a recuperação por meio de 13 palavras: aprender, aprendizado, aprendizagem, educação, educacional, educador, educadoras, educadores, educar, educativa, educativo, ensinar e ensino; nesta etapa foram recuperados 34 trabalhos. A segunda seleção concentrou-se na leitura dos 34 artigos e seleção de acordo com a pertinência temática e investigativa.

Considerando diminuir os efeitos da subjetividade do pesquisador, sobre a seleção qualitativa, agrupou-se os artigos em três categorias. Na categoria A: artigos nos quais os

⁴ A bibliometria é considerada um método matemático e estatístico aplicado ao campo da Biblioteconomia e Ciência da Informação, mas para compreender a relação do contexto e do tema de forma mais completas é necessária “uma leitura mais qualitativa dos diferentes resumos e textos” (OLIVEIRA, 2018).

termos da busca apenas eram citados, não havia discussão conceitual em torno destes termos, nem relatos de ação educativa. Em sua maioria apresentavam o objeto de pesquisa diverso do objeto desta investigação.

Na categoria B: artigos cujos termos buscados eram conceitos e apresentavam discussão teórica ou relatos de experiências sobre educação e/ou termo relativos como comunicação, interação, mediação e público. Por fim, na categoria C: artigos com discussão teórica sobre educação, educação museológica, educativo de museu, ensino em museu.

O resultado deste processo de mineração foi a seleção de 15 artigos referentes às categorias B e C. Acerca dos 15 selecionados foram coletados dados a respeito da autoria dos artigos, afiliações, incidência de palavras-chave e referências. Os artigos selecionados também foram considerados para a construção da discussão teórica.

Nos 13 anos de existência do GT 9 do ENANCIB foram recuperados um total de 249 artigos publicados como trabalhos completos. No GT 9, houve publicação em todas as edições, a média de publicações por ano é de 20 artigos, sendo a 11.^a edição, em 2010, a que teve menor incidência de artigos publicados, apenas 12; e a 20.^a edição, em 2019, a que teve maior incidência, 38 artigos.

Dos 249 artigos selecionados pelos termos de busca, refinados para os 34 artigos, e finalmente filtrados nas categorias B e C, apenas os 15 artigos resultantes⁵ foram considerados para as análises posteriores de autoria, afiliação, incidência de palavras e discussão teórica.

4 DISCUSSÃO TEÓRICA

Inicialmente o objetivo motivador desta pesquisa era identificara maneira pela qual os autores da área da Museologia têm discutido e refletido suas práticas em educação nos museus, descrever de que modo a educação é tratada e aplicada nestas instituições educativas apontando quais são os principais autores e como são debatidos conceitos sobre o tema relativo à educação.

No entanto, diante dos resultados obtidos por meio desta pesquisa não foi possível realizar uma discussão que represente toda produção sobre o tema Educação em Museus, nem tão pouco é possível projetar os resultados obtidos como indicador de toda a produção nacional sobre o tema, pois os estudos em sobre Educação Museológica tem sido foco de

⁵ Os resultados quantitativos desta pesquisa, bem como todosos dados recuperados, tabulados, categorizados e dispostos em listas, quadros e tabelas poderão ser acessados na tese de doutorado da autora.

debates nas últimas décadas, e há em outros espaços de discussão científica uma densa produção sobre o tema. Com isso, o que se propôs neste trabalho a partir dos artigos recuperados foi construir uma discussão teórica, que se apresenta a seguir, entrelaçando os resultados da análise qualitativa dos 15 artigos estudados.

A qual também pode ser considerada resultado de pesquisa, uma vez que este era um dos objetivos da investigação, mas por apresentar desdobramentos diversos e apontar horizontes não previstos, optou-se por realizar 3 subdivisões. No subitem 4.1 apresentamos os trabalhos que se concentraram na história da educação, na prática educativa em museus. No 4.2 a reflexão sobre o papel dos museus na educação inclusiva, diversidade e acessibilidade. Para finalizar, no 4.3 trata-se a respeito das dinâmicas contemporâneas de educação e cultura na virtualidade.

4.1 Os museus e a educação

O artigo de Sá (2014) revela uma visão sob a perspectiva positivista⁶ acerca da história dos museus. O autor identifica no trabalho de Carneiro “uma postura científica em relação tanto à História quanto ao Museu” (SÁ, 2014, p. 4493). O autor, à luz das reflexões de Carneiro, considera o museu como importante lugar para a educação, podendo até ser um substituto da educação formal, conforme a posição positivista.

Os museus para Sá têm sido considerados, desde o início da perspectiva histórica, como meio de estudo para contribuir para uma “sociedade justa, fraterna e progressista”, além de servir como meio de esclarecimento. Apresentava-se como alternativa para a “instrução do proletariado”. E impulsionado pelas concepções iluministas e ideais da Revolução Francesa, a partir da Declaração de Santiago do Chile de 1972, o museu passou a ser identificado além de coadjuvante da educação formal, também, como um “substituto para escolas dispendiosas [e] inacessíveis” para pessoas de baixa renda (SÁ, 2014, p. 4495).

Concorda-se com a perspectiva do museu como local de estudo, ferramenta educacional e promotor da educação formal, mas não necessariamente como substituto.

⁶ O positivismo foi uma corrente filosófica que surgiu no século XIX, segundo a qual o conhecimento científico seria a única forma válida de conhecimento, tendo o filósofo francês Auguste Comte como o principal autor. Acreditava-se que a ciência poderia resolver todos os problemas humanos. O positivismo perde força ao longo do século XX devido a críticas e debates filosóficos que questionaram suas premissas fundamentais. Ressalta-se aqui que o positivismo influenciou a educação ao enfatizar a observação empírica, a ciência e a objetividade como base do conhecimento, buscando promover o processo de sociabilidade dos indivíduos por meio da transmissão de valores e normas sociais.

Trabalha-se com a ideia, consonante com os estudos da Museologia Social, em uma perspectiva combinada e complementar, atenta às necessidades culturais e educacionais da sociedade. Rocha (2011) afirma que existem possibilidades e limites para educação emancipatória em museus.

A experiência da visita em um museu favorece o “aprender de forma espontânea, propiciando aos museus a possibilidade de serem espaços que provocam motivação para a aprendizagem, tendo como fio condutor a curiosidade, o lúdico, o cotidiano e o contexto histórico” (ROCHA, 2011, p. 12). A autora aponta que o papel do museu não é o ensino, mas favorecer o aprendizado espontâneo e por livre escolha.

Em uma perspectiva inversa, as autoras Alves e Reis (2012) investigaram os museus escolares que têm sua criação motivada pela necessidade de preservação da memória escolar. As autoras explicitam que “o novo museu de educação deve ser pensado como espaço vivo e de oportunidades para a experimentação, emoção, reconstrução do conhecimento e lazer” (ALVES; REIS, 2012, p. 5).

Criados com o propósito de preservação do patrimônio educacional, os museus de educação são mais do que locais de guarda da memória, também desempenham um papel importante na aprendizagem, pois oferecem uma maneira de ensino diferenciada, direcionada à experimentação e a importância de considerar-se os avanços da ciência.

A experimentação, o toque, a interação, o fazer perguntas, é a proposta de ação educativa de Wagensberg para museus de ciência (ROCHA, 2011). A autora Luísa Rocha (2011), estudou esta forma de pensar e fazer museu, e concluiu que para que seja possível a realização de ações educativas com tanta interação e toque é necessário que o museu seja pensado desde sua concepção, organização, exposição e recursos comunicativos. As exposições passam a ter como exigência à apresentação de objetos musealizados, históricos ou construídos, direcionados para a manipulação ou participação física do sujeito, denominada de “interatividade *hands on*” (ROCHA, 2011, p. 2771).

Esta maneira de se fazer museu está em consonância com o conceito de interatividade, cujo objetivo é a utilização de recursos e tecnologias para a divulgação e ensino em ciências. A experimentação é uma porta de entrada para o fazer científico, é a curiosidade que move as investigações que levam a descobertas científicas. O museu de experimentação, ou interativo, atua como maneira de introduzir os visitantes no mundo das descobertas. Uma ideia de educação motivada pela curiosidade.

Rocha (2013) reflete a respeito do emprego de uma perspectiva freiriana na educação em museu, que consistiria em uma ação reflexiva do social, segundo a autora, os museus têm por objetivo desenvolver uma “formação cultural” ampla, que une a ciência, o social, a história e a estética para promover a reflexão sobre o mundo e a ação de transformação do mesmo, para assim criar menos certezas e mais inquietudes, alinhando as “propostas críticas, emancipatórias e criativas” (ROCHA, 2013, p. 14).

Pensa-se em uma maneira de se fazer educação que vise construção de significados, que não gere apenas reprodutores, mas, que a partir de uma ação reflexiva, impulse os indivíduos a uma postura de autonomia para que sejam capazes de observar as contingências, de problematizar e de construir significados.

Em consonância a esta perspectiva, estão as autoras Almeidas e Reis (2014), que defendem a ideia de que educação em museu deve propor elementos reflexivos a respeito da visão hegemônica “do poder colonizador” e considerar a subjetividade em suas narrativas. As autoras afirmam que a ação educativa em museus é uma “ação de comunicação e informação, capaz de contribuir para que o cidadão possa ver e expressar a realidade, qualificada como patrimônio cultural, expressar-se e transformar a realidade, objetivando a construção de uma nova prática social” (ALMEIDAS; REIS, 2014, p. 4601).

Moraes (2014) informa que o museu não é uma instituição de ensino formal, mas serve à educação como forma de comunicação, produção de significado, construção de significado e divulgação científica. O museu, conforme a autora, é um espaço que, apesar de não se dedicar à educação, atua também como meio de ensino e veículo de divulgação de conteúdos, contribuindo para a formação do público por meio do “contato com o mundo sensível”, promovendo o desenvolvimento e o convívio social (MORAES, 2014, p. 11).

Marília Xavier Cury (2014) faz um levantamento das práticas de educação em diversos museus dos estados de São Paulo e Rio de Janeiro e chega à conclusão de que as ações educativas nos museus se caracterizam por práticas empíricas de muito valor, e dirigidas às necessidades dos públicos que visitam os museus, mas várias questões quanto ao contexto científico são reveladas.

4.2 Inclusão em museu: educação, acessibilidade e diversidade.

Em cinco dos 15 artigos sobre questões referentes à inclusão, aponta-se que a luta por acessibilidade e inclusão é uma luta constante das pessoas deficientes, marginalizadas e

postas em esquecimento. Ao mesmo tempo que é desafiador para os museus se adaptarem, tendo em vista que cada necessidade requer um tipo de ação para inclusão, o que é também recompensador uma vez que a finalidade última dos museus é servir a sociedade para estudo, deleite e educação. Assim, ao buscar suprir suas necessidades de educação, inclusão e acessibilidade de diferentes tipos públicos, o museu realiza um serviço social.

As autoras Chalhub e Gomes (2018) explicam que a educação para surdos tem uma característica relevante: a visualidade. É necessário que a estratégia de mediação considere que a maneira de apreensão do surdo é visual. As autoras afirmam: “a educação extrapola os espaços escolares”, e museus de ciências em particular “têm sido utilizado como espaço importante para educação” (CHALHUB; GOMES; 2018, p. 5810). O artigo reflete a abordagem de educação em espaços não escolares, bem como no uso dos museus como espaços não formais de educação.

Considerando que a comunicação para os surdos é primordialmente visual, os museus são lugares adequados para a educação de pessoas surdas. No entanto, as autoras alertam que, apesar da crescente utilização dos museus como espaço de educação, ainda há um longo caminho, tanto em relação às pesquisas acadêmicas acerca da educação museológica acessível, quanto na implementação prática de estratégias, tecnologias e educadores fluentes em libras. Chalhub (2014) considera que as ações realizadas pelos museus garantam a autonomia pessoal, seja para pessoas deficientes ou não, trata-se aqui da acessibilidade universal, presente no Estatuto dos Museus.

O texto de Rodrigues, Granato e Thiesen (2015) tem por objetivo descrever o acervo do museu do Instituto Benjamin Constant, que era utilizado na educação de cegos no Brasil. Diante de um contexto um pouco diferente, a diversidade cultural, as autoras Baubier e Reis (2012) discutem o papel dos museus e das ações educativas para a preservação e valorização da diversidade cultural no país.

A experiência museológica é potente, pois a educação em museu e a comunicação museológica, toca, provoca, acende uma fagulha de um conhecimento potencial, do encontro entre a bagagem cultural que o visitante traz consigo e toda a ambiência comunicacional do museu. E segundo as mesmas autoras, a dimensão educativa dos museus é entendida como o uso de práticas adequadas ao contexto social para a construção da cidadania e a formação científica e cultural contínuas dos visitantes. Não se trata de “escolarizar o museu”, mas de promover melhor integração junto à comunidade (BAUBIER; REIS, 2012, p.10). Cada sujeito

apreende o museu de uma maneira, conforme seu arcabouço cultural. Busca-se perceber e defender uma ação educativa que se dobra na direção do desenvolvimento humano.

Ainda no contexto da inclusão e diversidade cultural em museus, as autoras Reis e Diegues (2014), discutem sobre as desigualdades pelas quais passam os indígenas refletem sobre a luta por uma educação de qualidade. O museu para as autoras é um espaço de educação, porque por meio do diálogo e da conscientização, insere os sujeitos na sociedade.

A educação ideal para os museus seria uma abordagem libertária, que considera a força da dimensão educativa de seus espaços “que geram algum tipo de impacto na formação da consciência social” (REIS; DIEGUES, 2014, p. 4673). Os museus são aportes para a promoção da transformação social na medida em que realizam uma comunicação museológica libertadora, considerando as necessidades socioculturais existentes na relação entre preservação e divulgação da memória coletiva e os aspectos da diversidade cultural.

4.3 Educação em museu na virtualidade

Três dos artigos estudados apresentam uma ênfase sobre os museus e a educação na virtualidade. As autoras Reis e Teixeiras (2016, p. 1), apresentam “uma proposta de criação de museu virtual com base na memória das práticas culturais brasileiras reconhecidas como patrimônio cultural”. E, ao considerarem o cenário social com expressiva presença de tecnologia no cotidiano, defendem que o uso combinado de tecnologia, ciência e educação pode contribuir para a conscientização e valorização do patrimônio cultural.

As autoras se baseiam em pesquisas de diversas áreas para a construção de sua discussão, nas discussões sobre memória e identidade; patrimônio cultural e educação patrimonial; a teoria da informação; sobre museologia, museu e museu virtual. No entanto, para discutir sobre educação, as autoras apresentam apenas no autor Levy, que aponta para o uso das tecnologias intelectuais que podem amplificar e modificar “numerosas funções cognitivas humanas” (REIS; TEIXEIRA, 2016, p. 8). O uso das tecnologias, para as autoras, pode auxiliar tanto nas práticas educativas quanto na valorização do patrimônio.

Teixeira e Reis (2016, p. 13) comentam que o uso do museu virtual representa uma maneira de mobilização social, “valorização da sua memória e o desenvolvimento de ações de Educação Patrimonial”. O que nos interessa nesta investigação, identificar a maneira pela qual a educação é compreendida e discutida na literatura científica, faz-nos refletir que a

preservação do patrimônio, da memória coletiva, com o uso de tecnologias de comunicação, é um ato de educar, e educar para valorizar.

No trabalho dos autores Martins e Martins (2019), a ênfase dada é a educação museológica e os autores buscaram discutir de que maneira as tecnologias exercem impacto sobre o fazer educacional em museu, na expectativa das pessoas, meio de produção de redes e novos usos no fazer museológico. Também afirmam que “a educação tem assumido uma relevância cada vez maior, seja como tema de pesquisa e produção de conhecimento, seja como prática no interior das instituições e processos museológicos” (MARTINS; MARTINS, 2019, p. 3).

Martins e Martins (2019, p. 17) consideram que tanto no uso de tecnologias quanto na presença dos novos acervos digitais, a educação em museu ganha importância, porque propõe reflexão e atendimento às “demandas por diálogo e interação com o público” (p. 17), dessa forma a prática educacional em museus visa facilitar a apropriação e a valorização social ao público sobre os acervos musealizados.

Por fim, no artigo de Balleste e Almeida (2015), as autoras buscaram compreender pela literatura da educação e da museologia se as ações educativas em um museu virtual deveria ser um *fac-símile* das ações tangíveis ou concretas (segundo os autores). Afirmam que a educação e a cultura são inerentes ao desenvolvimento intelectual, na medida em que ambos estão sempre presentes em qualquer sociedade.

A educação tem diversos canais institucionalizados que permitem sua transmissão, tais como escolas e museus. Nestes espaços, os setores educativos visam “estretar as relações entre o museu e as escolas do ensino regular, proporcionando visitas educativas que, em geral, procuram aproximar os conteúdos relacionados aos acervos com o cotidiano de alunos e professores” (BALLESTE; ALMEIDA, 2015, p. 5).

As ações educativas realizadas nos museus oferecem uma aproximação dos sujeitos com seus acervos, e podem colaborar com a educação escolar, pois, a transmissão do conhecimento cultural (endoculturação) é inerente ao ato de conviver em sociedade, ou seja, a educação em museu também é um ato de educação institucionalizada.

Certamente há diferenças que, talvez, sejam referentes à forma de educar e ao local, pois até quanto os conteúdos é possível se considerar como completar. Vive-se em um momento em que há uma profusão de museus de todos os tipos, desde museus de arte até

museus de games, que podem estar em ambiente virtual ou não. É possível uma educação transversal nos diferentes ambientes educativos.

Mas, retomando o trabalho de Balleste e Almeida (2015), os autores percebem, a partir de suas pesquisas, que apesar de ser possível uma ação educacional em museus virtuais, os comportamentos dos indivíduos nos ambientes virtuais se diferenciam de uma visita a um museu físico, e, portanto, a ação educativa também deve ser diferente e consonante com a virtualidade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da investigação, percebemos que a discussão conceitual sobre a educação (como conceito) e da educação em museu (como práxis) ou educação museológica, como vertente da educação, ou até como parte da formação cultural dos indivíduos está presente nas discussões da área.

Uma vez que a práxis é princípio em que se valoriza a integração entre teoria e prática, buscando a transformação da realidade por meio de ação consciente e reflexiva. Percebe-se a pertinência de falar em uma práxis educativa em museus, a qual focaliza à aplicação de princípios pedagógicos e práticas educacionais em ambientes museológicos, com o objetivo de promover uma aprendizagem profunda, a transformação pessoal e do entorno, a fruição, e o engajamento dos visitantes na construção da comunicação do museu.

Por outro lado, percebe-se fortuitamente nesta pesquisa que a temática estudada, educação em museu, está intrinsecamente ligada aos problemas de desigualdades socioculturais há muito discriminadas no país, não obstante, a preocupação atual voltada para pessoas com deficiências físicas e outras populações marginalizadas.

Os museólogos e outros profissionais de museus, têm demonstrado um esforço, intencional, sobre as questões socioculturais de representação e educação. Este olhar, traduzido em ações para as populações marginalizadas, subalternizadas e desprestigiadas, são potenciais (no sentido do vir a ser) para a construção de ações que reverberam para a construção de uma sociedade equânime, pois podem mitigar tais desigualdades em diversas áreas, desde o ensino escolar de qualidade, o mundo do trabalho, pesquisas e ações na área da saúde, até a transformação social efetiva.

A educação em museus também não está ligada apenas ao período escolar regular, pois o museu se mostra um espaço educador para além da infância e juventude. Nos espaços

musealizados a troca de conhecimento possibilita formas de experiências diferentes do ambiente escolar e permite a construção de novos saberes, por meio da afecção (tudo que impacta/afeta por meio das emoções) e “integração desses saberes, bem como pelo desenvolvimento de novas sensibilidades e pela realização de novas experiências” (DESVALLÉES; MAIRESSE, 2014, p. 39).

Em se tratando de trabalhos futuros, pretende-se aplicar a mesma metodologia em fóruns específicos de debates, estudos e publicações da área da Museologia, no tocante a Educação Museológica a fim de identificar a maneira pela qual tem sido construída a discussão interdisciplinar em torno da educação em museus, a fim de recuperar produções sobre Educação em Museus na Museologia para responder aos seguintes questionamentos: lugar de educação é (somente) na escola? Se o museu é ambiência da experiência do ato comunicacional, a educação não seria também um ato comunicacional?

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, M. Z. T.; REIS, M. A. G. S. O museu como espaço interdisciplinar, simbólico e educativo. . **BENANCIB**, Belo Horizonte: IBICT, 2014. p. 4591-4605. Disponível em: <http://enancib2014.eci.ufmg.br/documentos/anais/anais-gt9/view>. Acesso em: 23 jul. 2023.
- ALVES, V. M. S.; REIS, M. A. G. S. Museus escolares: concepções e evolução de uma identidade no Brasil. **BENANCIB**, Rio de Janeiro: Fiocruz, 2012. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/183091>. Acesso em: 23 jul. 2023.
- BALLESTÉ, A. O.; ALMEIDA, A. S. Vocação educativa do museu virtual de instrumentos musicais: uma proposta a partir da pesquisa teórica e de entrevistas com professores de educa o musical. **BENANCIB**, João Pessoa, IBICT, 2015. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/188371>. Acesso em: 23 jul. 2023.
- BAUBIER, A. S. M. A.; REIS, M. A. G. S. Diversidade cultural em museus e preserva o do patrimônio na Amazônia. **BENANCIB**, Rio de Janeiro: Fiocruz, 2012. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/183241>. Acesso em: 23 jul. 2023.
- BERGERS, L.; TRIJP, D. V. Science Museums: A Panoramic View. **ISIS**, Chicago, v. 108, n. 2, p. 366-370, 2017. Disponível em: <https://www.journals.uchicago.edu/doi/pdf/10.1086/692688>. Acesso em: 23 jul. 2023.
- CHALHUB, T. Acessibilidade a museus brasileiros. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informa o**, [s.l.], v. 7, n. 2, 2014. Disponível em: <https://revistas.ancib.org/index.php/tpbci/article/view/319>. Acesso em: 23 jul. 2023.
- CHALHUB, T.; GOMES, M. Museus como atividade educativa: o que pensam os alunos surdos sobre acessibilidade?. **BENANCIB**, Marília: IBICT, 2018. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/124634>. Acesso em: 23 jul. 2023.

CURY, M. X. Programas de educação em museus e públicos. **BENANCIB**, Belo Horizonte: IBICT, 2014. p. 4430-4447. Disponível em: <http://enancib2014.eci.ufmg.br/documentos/anais/anais-gt9/view>. Acesso em: 23 jul. 2023.

CURY, M. X. Educação em museus: panorama, dilemas e algumas ponderações. Ensino em **Re-Vista**, Uberlândia, v. 20, n. 1, p. 13-28, jan./jun., 2013. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/emrevista/article/download/23206/12747> Acesso em: 23 jul. 2023.

DAMÁSIO, A. **O Livro da Consciência**: A Construção do Cérebro Consciente. Círculo de Leitores. Lisboa, Portugal: Temas e Debates, 2010.

DESVALLÉES, A.; MAIRESSE, F. (Ed.). **Conceitos-chave de Museologia**. São Paulo: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, 2013.

MARTINS, D. L.; MARTINS, L. C. Novas práticas sociais no campo da educação museal: a cultura digital e a sociabilidade em rede. **BENANCIB**, Rio de Janeiro: IBICT, 2019. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/121782>. Acesso em: 23 jul. 2023.

MORAES, J. N. L. Comunicação e educação em museus: a divulgação de informações e a "poesia das coisas". **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, [s.l.], v.7, n. 1, jan./jun., 2014. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/119500>. Acesso em: 23 jul. 2023.

OLIVEIRA, E. F. T. **Estudos métricos da informação no Brasil**: indicadores de produção, colaboração, impacto e visibilidade. São Paulo: Editora UNESP, 2018.

REIS, A. S.; TEIXEIRA, C. A. Informação, memória e educação patrimonial em diálogo: a proposição do museu virtual – MUVI. **BENANCIB**, Bahia: IBICT, 2016. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/191164>. Acesso em: 23 jul. 2023.

REIS, M. A. G. de S.; DIEGUES, A. M. T. Educação e inclusão no museu: um pensar crítico sobre museus indígenas brasileiros. **BENANCIB**, Belo Horizonte: IBICT, 2014. p. 4664-4679. Disponível em: <http://enancib2014.eci.ufmg.br/documentos/anais/anais-gt9/view>. Acesso em: 23 jul. 2023.

ROCHA, L. M. G. M. Interatividade em museus: um estudo crítico do conceito de interatividade de Jorge Wagensberg. **BENANCIB**, Brasília, 2011, p. 2768-2784. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/182926>. Acesso em: 23 jul. 2023.

ROCHA, L. M. G. M. Prágmatica: uma nova matriz para os museus de ciência. **BENANCIB**, Belo Horizonte, 2013. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/185792>. Acesso em: 23 jul. 2023.

RODRIGUES, D. A.; GRANATO, M.; THIESEN, I. Os objetos tiflológicos do museu do Instituto Benjamin Constant. **BENANCIB**, João Pessoa, IBICT, 2015. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/188413>. Acesso em: 23 jul. 2023.

SÁ, I. C. Primórdios da Museologia no Brasil: David Carneiro e o positivismo. **BENANCIB**, Belo Horizonte, IBICT, 2014. p.4486-4501. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/189384>. Acesso em: 23 jul. 2023.